EDITOR PROPRIETÁRIO

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

A MULHER ROUBADA



PREÇO

Leandro Gomes de Barros

Props. Filhas de José Bernardo da Silva

A Mulher Roubada

Leitor, eis a minha história
não sei se alguem acha boa;
no principio verá logo
se será história à toa,
escrevo um caso que deu-se,
na cidade de Lisboa

Trata de Minerva Alheiro
uma senhora casada,
nascida em Panafiel,
em Vila Rica criada,
e na cidade do Porto,
foi ela lá educada

Casou-se com Paulo Alheiro
homem tambem educado,
porem vivia no mar
aonde era empregado,
custava a tocar em casa
devido o viver vexado

O Paulo com a mulher
tinha ambos consultado
ele trabalhar seis anos,
e juntar o ordenado
e irem morar numa quinta
que Minerva tinha herdado

Minerva tinha uma áia
que ajudou-a criar
quando Minerva casou
ela não quis a deixar
Minerva tambem por si,
ela não quis desprezar
Morava em uma quinta
quase dentro da cidade,
a vizinhança dali,
toda lhe tinha amizade
ela costurava muito,
roupas daquele arrebalde
Paulo trouxera de Cuba
um mulato alaranjado,
e botou ele na horta
para lá ser empregado
limpar a horta e plantar
e fazer qualquer mandado
Um dia Minerva achou
que o mulato era atrevido
faltou-lhe com o respeito
por ela repreendido
dizendo Minerva e ele
que dava parte ao marido,
Chamava-se esse individuo
Aureliano Mulato
por andar muito macio
alguns chamavam-lhe Gato
esse nome para ele
quadrava como de fato,
Minerva um dia o mandou
a rua comprar semente
de alface, couves e nabos

que era necessariamente
mas recomendou a ele
a viagem muito urgente
Prontamente ele saiu
tagarelando uma lôa
encontrou um estrangeiro
dizendo: que estava à tôa,
porque era americano
e não conhecia Lisboa

Pediu-lhe para levar
a uma hospedaria
porque ele era estrangeiro
só podia andar com guia
e levasse em casa séria
que depois o pagaria
Passaram pelo portão
do dito Paulo de Alheiro
Minerva estava nas quintas
plantando flor num canteiro
o americano viu-a
estando por traz dum pinheiro

Então exclamou consigo:
oh! que mulher elegante
os olhos dela parecem
o reflexo dum brilhante
é impossivel que haja
criatura tão elegante!
A boca tão encarnada,
as tranças como um retrós
a cintura é um anel
deve ter bonita voz
se eu pudesse ter a dita
de conversarmos a sós!

Disse o mulato a Minerva
ir a sua hospedaria,
levar um americano
que nada ali conhecia,
e então lhe prometeu,
que com pouco voltaria
O maldito americano
não esqueceu mais Minerva,
fez do seu nome uma cousa
que a gente bota em conserva
um objeto de luxo
que o dono bota em reserva
Fazia calculos consigo:
como hei de conquistá-la?
que fingimento usaria
para hoje visitá-la?
posso morrer cruelmente
mas um dia hei de gozá-la
Quem sabe se esta mulher
não teria aparecido
para eu poder pagar,
o que tenho cometido?
se ela for minha desgraça,
eu já sei que estou perdido
Então chegou no hotel
foi muito bem recebido,
puxou dez libras do bolso,
fingindo-se agradecido,
e deu-as ao portador,
que ali o tinha trazido
O mulato muito alegre
lhe disse: muito obrigado:
cada uma libra daquela

era dois meses de ordenado
e por isso admirou-se
de tanto lhe terem dado
Disse ele ao mulato:
eu preciso lhe falar
mas a conversa é extensa
só pode ser de vagar
você de noite apareça
eu tenho que lhe tratar
Eu sou dono do navio
que entrou para o estaleiro
sou o dono e capitão
tenho crédito e dinheiro
farei de você feliz
se não me for traiçoeiro
As onze horas da noite
o mulato lá chegou
ele ainda o esperava
tanto que alegre ficou
entrando para uma alcova
ele aí explicou
Solicitou do mulato
se Minerva era casada
então lhe disse que era
perguntou se era honrada
o mulato aí contou:
aquilo é uma danada
Disse o mulato: o marido
chama-se Paulo de Alheiro
tem trinta anos de idade
é musculoso e ligeiro
há vinte anos que vive
na vida de marinheiro

E comandante da barca
chamada «"Polo do Norte »
o contra-mestre da barca,
chama-se Felix Mão Forte
é até da irmandade,
da Virgem da Boa-Morte
Vossa mercê vá pra lá
diga que foi companheiro,
e é amigo intimo
do dito Paulo de Alheiro,
pois para falar com ela,
este é o ponto certeiro
Porque nós estamos em março
ele só chega em dezembro,
a vossa mercê lhe fala
e volta cá em setembro,
demora-se aqui no ponto
até o mês de novembro
Então formaram o projeto
ele ficou animado,
deu mais dez libras ao tal
por ter bem lhe informado
e disse: se eu conseguir,
dou-lhe um dinheiro avultado
No outro dia às dez horas
foi só, não quis companheiro
então chegou no portão,
perguntou a um porteiro,
se aquela propriedade,
era de Paulo de Alheiro
Respondeu então que era
disse que era empregado;
indagou se a mulher

tinha em Lisboa ficado,
—Ficou, disse o tal sujeito
e está ali no sobrado
O sujeito era o mulato
mas estava todo fingido;
de forma que esta conversa
Minerva tinha ouvido
como bem, ele dizer,
que era amigo do marido
—Faz favor dizer a ela
que lhe desejo falar?
já que não encontrei Paulo
com quem gosto de troçar
desejo conhecer ela,
que quero a cumprimentar
Minerva quis lhe mandar
dizer que estava ocupada,
sem lhe dar demonstração
de gente mal educada,
queria que se dissesse
que ela era delicada.
O mulato deu o recado
e ela disse: mande entrar
tinha aí um vizinho
que lhe viera visitar
ela foi para uma sala,
e o mandou se sentar.
—Bom dia, disse o recente
—Tenha o mesmo, cavalheiro;
perguntou ele; a senhora
é esposa de Alheiro?
um meu amigo distinto,
e muito bom companheiro

—Sou eu uma sua criada;
—Estou-lhe muito obrigado
dizia o facinoroso
tremendo num fraseado:
há 6 meses que disseram-me
que Paulo estava casado
Minerva o interrogando:
como se chama o senhor?
respondeu: o meu nome
é Pekin de Wartelôr
eu fui colega de Paulo
fomos de um só professor
Soube que morava aqui
embora que ele não está
eu vim só ver a senhora
já que ele anda por lá
quando ele voltar lhe diga
que Pekin andou por cá
O maldoso estudou bem
e depois de lhe ter lido
honestidade e pudor
disse a si mesmo: perdido
esta aqui pode morrer
mas não é falsa ao marido!
Ergueu-se e disse a Minerva:
licença que vou chegando
tenho um navio no dique
e deixei-o consertando
só vim cá cumprimentá-la:
e ia se retirando
—Obrigada, disse ela
por se ter incomodado
—Incômodo nenhum, senhora

precisando dum criado
estou sempre às suas ordens
para servi-la me aguardo
E lhe apertando a mão
se despediu e saiu
Minerva rapidamente
uma tristeza sentiu
uma lágrima de sangue
sobre seu colo caiu
Minerva exclamou: é sangue!?
já perturbando o sentido
o que acontecerá
a mim ou a meu marido?
isso será um sinal
que Paulo tenha morrido!
O miserável saiu
de todo contrariado
dizendo consigo mesmo:
meu plano foi todo errado
se o marido dela vir
fica mais atrapalhado
Chamou o mulato e disse:
deposito em sua mão
o caso mais melindroso
de mais consideração
você ganha o que exigir
se sair bem na missão
Eu tenho trinta e seis anos
tenho um grande capital
tenho seis milhões em libra
posto no banco real
oito em França, dez na Grécia
quatro aqui em Portugal

E disse: tome seis mil libras
para o que houver precisão
seja sagaz e ativo
tome muita precaução
não confie este segrêdo
nem ao próprio seu irmão

Eu parto daqui a dois dias
daqui para Noruega
por lá eu posso saber
aonde Paulo navega
e enquanto não matá-lo
meu espirito não sossega

Na Noruega então soube
que Paulo foi para o norte
estava encalhado no gêlo
já em perigo de morte
disse Pekin: essa nova
me vem melhorar de sorte

E seguiu em busca dele
achou-o quase perdido
estava preso no gelo
já quase desprevenido
se não matasse algum peixe
talvez tivesse morrido

Paulo quando viu Pekin
não pôde ter alegria
o olhando mais de perto
todo corpo lhe tremia
o traidor quando fitou-o
como criança sorria

Pekin sabia falar
hebraico, alemão, inglês
italiano e espanhol

divinamente francês
tanto que Paulo julgou
que ele fosse português

Quando ele viu Paulo, disse;
Deus o guarde cavalheiro
estava longe daqui
encontrei um companheiro
me disse que estava aqui
encalhado um marinheiro

Se lhe falta alguma coisa
eu venho bem prevenido
trago viveres para um ano
já vê que estou prevenido
passo seis meses aqui
o senhor está bem servido

Pekin disse ao paioleiro
que descesse ao porão
e prevenisse a cozinha
daquela tripulação
mandou botar o jantar
e convidou Paulo então

Pekin mandou na dispensa
ver o vinho especial
Paulo conheceu o vinho
que era de Portugal
disse: esse aqui foi feito
em minha terra natal

Pekin afirmou: foi mesmo
eu passando lá comprei;
—Saltou lá? perguntou Paulo
disse Pekin: não saltei,
a viagem foi urgente
por isso não demorei

Pekin perguntou a Paulo:
o nome do cavalheiro?
então o rapaz lhe disse:
Paulo de Sales Alheiro;
disse Pekin: eu me chamo
Paulino de Sá Aveiro

Depois de um mês e dez dias
disse Pekin: estou doente
desta sei que não escapo
conheço perfeitamente
com esta minha moléstia
nunca escapou um vivente

Paulo ficou muito aflito
quando assim o viu gemer
chamou Paulo e lhe disse:
não posso mais escrever
nem nova da minha morte
minha mulher há de ter

Oh! Minervina querida
a morte me veio privar
os reveses da fortuna
me proibem de gozar
o que julguei a principio
longos anos desfrutar!

Tu eras o objeto
de mais gosto para mim
mas a mão da Providência
julgou o contrário assim
baixou do céu um decreto
para a morte dar-me fim!

Só Deus não admirava
vendo esse monstro exclamar
pobre de Paulo inocente

sem nada desconfiar
não sabia que era uma trama
que o traidor lhe ia armar

Disse a Paulo; escreva aqui
uma carta a minha mulher
e quando eu morrer remeta
no lugar que ela estiver
embora que exija dela,
a quantia que quiser

O leitor veja, Pekin
que idéia concebeu,
a letra do próprio Paulo
na forma que ele escreveu,
indo às mãos de Minerva
era de crê que morreu

Na carta vinha o seguinte:
«adeus esposa querida
«chegou agora os últimos,
«momentos de minha vida
«então escrevo-te esta carta
«por lembrança e despedida

«O portador desta mesma
«leva a minha embarcação,
«promete, se não morrer
«entregá-la a meu patrão,
«como tambem esta carta
«entregar em tua mão

«Tenho um pedido a fazer-te
«se acaso quiser casar
«procura um homem distinto
«que possa estado te dar,
«eu preferia Pekin
«um amigo que tenho no mar

Paulo ficar sepultado
matar a tripulação
depois voltar descansado
Paulo seguia na frente
na margem do rio passou
e Pekin que vinha atrás
bem nas costas lhe atirou,
ele caiu dentro dágua,
a correnteza levou
Pekin dizia consigo:
agora principiei,
a obra está em caminho,
não sei quando acabarei,
o que havia mais custoso
eu já desembaracei
Voltou ao navio de Paulo
disse que Paulo dizia,
que a tripulação jantasse
que ele lá mesmo dormia
estava enfadado da caça
voltava no outro dia
Achou tudo descuidado
se dirigiu a cozinha,
num instante envenenou
toda comida que tinha
voltou dizendo consigo,
caçada lorde esta minha!
De vinte e dois marinheiros
somente um escapou,
por ser muito experiente
por isso foi que ficou,
desconfiado do caso
foi se deitar não jantou

Quando viu a mortandade
que no barco tinha havido
disse consigo: fui feliz
daquilo não ter comido
já sei com toda certeza,
que Paulo foi consumido

O marinheiro exclamou:
foi morto o meu comandante
foi aquele traidor
liquidou-o num instante:
jurou que se não morresse,
levava a questão avante

Olhou para o lado aonde
o barco de Pekin estava
este já tinha saido
ele entre si murmurava,
pensando sem acertar,
como ele se vingava

Pensava o velho grumete
como havia de escapar,
naquele lugar estranho
quem o podia salvar?
outra embarcação ali
era custoso de encontrar

Determinou ir pra ilha
a fim de ver se escapava
e para ver se alguma caça
ou algum peixe ali pegava,
pedindo a Deus que mostrasse
qualquer barco que passava

Tomou um bote e saiu
como um ente sem sentido,
de manhã estava chorando

ouviu um grande gemido
quando foi ver era Paulo
que ainda não tinha morrido
Pekin veio ver de manhã
se tinha alguem escapado,
achou o barco deserto
tudo tinha se acabado
sorriu com um sorriso triste
que sempre tem o malvado
Mandou levantar o ferro
sem quase fazer manobra
dando uma livre expansão
no seu destino de cobra
dizendo: estou muito perto
de concluir minha obra
Porem Deus é grande e justo,
auxilia o desgraçado,
mostra sempre ao inocente,
o que esconde ao malvado
Deus atrapalha o projeto,
do mal intencionado
Então Pekin calculou
que o projeto mais real
era levar o navio,
a um porto principal
de lá remeter a carta
com destino a Portugal
O leitor já leu a carta
que ele mandou escrever,
a carta escrita por Paulo
foi para Minerva crer,
pois a letra do marido,
havia de conhecer

Formulou todos os .calculos
porem a idéia mais fina
foi em dizer que a mulher
se chamava Minervina
depois rapando três letras
dizendo: o nome combina

O nome de Minervina
remendou e fez Minerva
de Paulino formou Paulo
e disse: está pronta a serva
só faltam as cartas seguirem
com pouco o correio as leva

Era uma tarde de abril
o vento soprava ligeiro
o espaço estava lindo
não tinha um só nevoeiro
quando da casa de Paulo
se aproximava um carteiro

Minerva foi-lhe ao encontro
e em completo desespero
perguntou muito vexada:
que nova traz, cavalheiro?
—São duas cartas com luto
para Minerva de Alheiro

Minerva abriu uma carta
e logo empalideceu
era uma carta de pêzames
que Pekin lhe remeteu
dizendo que o seu marido
em setembro faleceu

No estreito de Bering
topou a embarcação
estava presa no gelo

perdeu a tripulação
depois deu nele uma febre
não pode ter salvação
E eu passando por lá
vi uma bandeira içada,
chegando lá encontrei-o
com febre muito alterada
dei-lhe os remédios que tinha
e não pude alcançar nada
Depois de uns oito ou 10 dias
chegou outro companheiro
o americano Pekin
seu amigo verdadeiro
tanto que quase enlouquece
devido Paulo de Alheiro
O leitor veja que trama
tinha armado esse malvado
sendo suas as duas cartas
como foi tão bem ideado
para Minerva enganar-se
como tinha projetado
Mande na ilha de Madeira
procurar a certidão
como tambem lá deixei
papel e embarcação
no mais sou um seu criado,
Cristovão Carlos Galvão
Abriu então outra carta
viu que Paulo a escreveu,
pois a letra do marido
certo é que a conheceu,
tinha sido um plano certo
que o traidor concebeu

Então Minerva dizia:
oh! vida sem esperança
perdi meu pai tão pequena
casei-me quase criança
ficar viúva assim tão moça
uma alma assim não descansa!
Margarida, a sua aia
em soluço se afogava
o mulato ocultamente
risonho se conservava
contando com dez mil libras
que o novo patrão lhe dava
Minerva fitou o céu
exclamou: oh! meu Senhor
Deus e homem verdadeiro
meu pai e meu protetor
orai por esta infeliz
meu Jesus, por vosso amor!
E vós oh! Virgem Maria
bem sabeis quanto é a pena
pois na morte de teu filho
passaste uma horrenda cena
dai-me o conforto que destes
à contrita Madalena!
Depois de oito ou dez dias
foi despedido o mulato
disse Minerva: da horta
eu sozinha mesmo trato
ele dizia consigo:
eu dou-te lição de gato
Depois de um ou dois meses
o Pekin apareceu
foi a casa de Minerva

e ela não o recebeu
porque quando ouviu ele falar
o coração lhe bateu
O traidor não sabia
que meio havia de achar
a força era impossivel
tinha a lei para empatar
pensava de dia e de noite
que meio podia empregar
Ele escreveu a Minerva
falando do ocorrido
dizendo: eu fui o maior
amigo do seu marido
e tenho uma carta dele
que fala nesse sentido
Desejava a sua mão
visto lhe ter amizade
pois desejava fazer
a sua felicidade
sou novo, rico e solteiro
devo ter prosperidade
Minerva mandou dizer-lhe
que ficava agradecida
dele ter essa lembrança
em fazer dela escolhida
já tinha jurado a Deus
desprezar tudo na vida
Pekin pediu a uma freira
lhe pedindo que fizesse
com que Minerva amansasse
e ela mesmo dissesse
podia pedir a ele
a quantia que quisesse

Então a freira lhe disse
que sabia uma oração
que rezada abrandaria
a qualquer um coração
ainda sendo de fera,
quanto mais quem é cristão
A freira foi a Minerva
com um recado fingido:
há três noites que eu sonho
com a alma do seu marido
que mandou dizer por mim
que não falte seu pedido
Pekin tinha dito a freira
tudo que tinha passado
só não lhe contou o modo
que foi Paulo assassinado
mas o resto do segredo
lhe havia revelado
Minerva disse: é trama
que esta freira quer armar
mas o segrêdo da carta
onde ela podia achar?
e disse a freira: nem Deus
pode obrigar-me a casar.
A velha voltou e disse:
eu não pude fazer nada
a viúva é uma fera
não há quem tome chegada
ouve falar no marido
chora como uma danada
Pekin suspirando disse:
foi debalde o meu lutar!
a freira disse: eu vou ver

se a posso narcotizar;
disse Pekin: é o meio
porque a posso pilhar
Foi a bordo e preveniu
a toda tripulação
dizendo: hoje não sai
ninguem dessa embarcação,
saiu com seis marinheiros
que tinha disposição
Foi onde estava a freira
disse ela: preparei
levei o liquido daqui
que com um quimico arrumei
achei ela discuidada
no bule do chá botei
Ai Pekin disse a freira:
existe aqui um mulsto
que foi empregado dela
o Aureliano Gato
conhece todo o segrêdo;
a freira disse: eu o mato
Chamou o mulato e deu-lhe
o veneno e ele bebeu
com dez minutos depois
na sala ele morreu
disse a freira: a hora é própria
ele já adormeceu
Levaram uma chave falsa
com ela abriram o portão
abriram a porta da frente
passaram pelo salão
estavam Minerva e a áia
dormindo ao pé do fogão

Então trazia um berço
da forma de uma liteira
e disse: siga com ela;
e aí matou a freira
deixou-a sobre o sofá
disse: fica, alcoviteira!

Quando Minerva acordou
estava num leito importante
num camarote soberbo
um objeto galante
nas borlotas das cortinas
em cada uma um brilhante

Assim que Minerva acordou
e viu Pekin a seu lado
exclamou: o que foi isso?
Deus terá me castigado?
onde estou? que casa é esta?!
oh! Deus, olhai meu estado!

Pekin na beira do leito
se ajoelhou soluçando
—Perdão! perdão! minha bela!
exclamou se lastimando,
perdoa a este infeliz
que aqui está te adorando!

Então perguntou Minerva;
como foi que vim aqui?
será por acaso um sonho
não é porque não dormi:
por caridade me diga
quem és tu que estás aí!

—Sou eu, respondeu Pekin
aquele que te escreveu
que assistiu teu marido

no dia que faleceu;
ela aí deu uma síncope
fechou os olhos e gemeu
Pekin foi ver chocolate
pediu para ela aceitar
Minerva aí calculou
que era feio recusar
Pekin deixou-a sozinha,
para não a perturbar
Minerva com Margarida
estava em uma conversa
sem saberem porque meio
lhe fizeram aquela peça
então Margarida disse:
ele a senhora confessa.
Finja lhe ter amizade
exija uma condição
de lhe respeitar a honra
enquanto não der-lhe a mão
só assim nós poderemos
sair desta embarcação
Chegou Pekin muito alegre
Minerva o cumprimentou
Pekin ficou tão contente
que de alegre não falou
fitanto os olhos em Minerva
como uma estatua ficou
Disse Minerva: o senhor
pode um favor me fazer?
--Não sendo para deixar-te,
o mais fácil é obter,
inda que fosse meu sangue,
que desejasses beber

—O senhor, trouxe-me aqui
me diga qual intenção?
isto perguntou Minerva
na maior perturbação
então respondeu Pekin:
meu desejo é dar-te a mão
—Pois bem, respondeu Minerva
visto querer me esposar
quero pedir ao senhor
que queira me respeitar
só me considero sua,
no dia que me casar.
—Pois não; respondeu Pekin
você está em seu direito,
com esta resolução
eu fiquei mais satisfeito,
já conheci que a senhora,
exige muito respeito.
Disse Pekin a Minerva:
pode escolher o país
aonde quiser casar
hoje eu me julgo feliz;
disse Minerva: por mim
dou preferência a Paris.
Pekin ficando contente
revelou todo passado;
o mulato que a freira
tinha o envenenado,
disse que a freira foi morta,
por mão de 1 seu empregado
Descobriu mais pela forma
que a tinha narcotizado,
condenando só a freira

dizendo a ter enganado
e levantando mais outra
da freira um falso recado
Minerva pediu a ele
que passasse por Cadi
que ela queria pagar
uma promessa em Madri
para rever uma igreja
dum santo que havia ali
Disse Pekin: não há dúvida
é perto, posso passar
demoro lá uns dois dias
dou tempo a você chegar
agora lembrou-me até
tenho um negócio a tratar
Chegando então a Cadi
Minerva lhe quis chamar
pois assim era mais fácil
Pekin não desconfiar
diz ele: vai meu criado
não tem o que recear
Alugou o melhor carro
que no ponto apareceu
mil contos de réis em jóias
a Minerva Pekin deu
perguntou ele a Minerva:
aceita um abraço meu?
—Aceito, respondeu ela
sentindo na alma um assombro
Minerva quase que morre
dando um pequeno tombo
ele com muito respeito
pôs-lhe a mão sobre o ombro

Sairam e Bulafer
tambem a acompanhou
ele se arrependeu tarde
e ai desconfiou
ele sabia o que fez
o remorso o acusou
Chamou um criado velho
e disse: você vá
a Madri, não perca tempo
veja o que se passa lá
se houver causa contra mim
telegrafe para cá
Ele chegando em Madri
logo ao entrar na cidade
Minerva se dirigiu
a primeira autoridade
fez ciente ao comissário
de sua infelicidade
O comandante dali
era um homem justiceiro
prendeu no mesmo momento
o criado e o boleeiro
telegrafou pra Cadi
que prendesse o traiçoeiro
Porem o criado velho
de tudo tinha sabido
telegrafou a Pekin:
patrão, negocio perdido!
telegrafou noutro nome
para não ser conhecido
Pekin com essa noticia
conheceu a perdição
abriu o ferro da barca

que estava de prontidão
vendo a hora que a justiça
podia lançar-lhe a mão
Bulafer descobriu tudo
quando foi ao tribunal
Minerva tomou o trem
regressou a Portugal
ficando ali nos cuidados
da força policial
Pekin pensava em Minerva
rugia como um leão
dizendo: antes perdesse
a minha tripulação
até mesmo a própria barca
fosse de encontro a um tufão
Vamos tratar sobre Paulo
quando o tiro recebeu
caindo dentro do rio
na correnteza desceu
depois pegou-se em um pau
segurou-se e não morreu
Quando foi no outro dia
o marinheiro o achou
Paulo estava quase morto
um marinheiro o salvou
pôde lhe extrair a bala
depois a fistula sarou
Não sabia porque forma
tinha sido essa traição
Paulo não tinha inimigo
disse o marinheiro: então
foi a mulher, não foi mais nada
que causou essa questão

—Minha mulher, disse Paulo
não creio que me traisse
respeitava minhas cinzas
inda que eu não existisse
não creio inda que a sorte
por castigo permitisse

Estavam ali há dois anos
comendo cabra montês
um dia estavam sentados
se maldizendo talvez
quando viram uma bandeira
de um hiate português

Paulo pedindo socorro
veio um bote os buscar
Paulo soluçava tanto
que não podia contar
depois de cinco ou seis horas
foi quando pode falar

Afinal levaram Paulo
à sua terra natal
com seis meses de viagem
chegou ele em Portugal
jurou de não fazer a barba
antes de ver seu rival

Paulo saltou e foi logo
para sua habitação
eram três horas da tarde
quando bateu no portão
Margarida quando o viu
gritou logo: é um ladrão!

—Ladrão o quê, Margarida
Paulo logo respondeu
não sou Paulo de Alheiro?

Margarida enfureceu
dizendo: meu amo, não
esse há dois anos morreu!
E chamou pela policia
deram-lhe voz de prisão
disse Paulo: diga a Minerva
que chegue aqui no portão;
Minerva de longe vendo
confirmou: é um ladrão!
Minerva, coitada, vendo
o que tinha acontecido
devido a carta de Paulo
que já tinha recebido
não podia vir-lhe à mente
que aquele fosse seu marido
Paulo quando viu Minerva
deu-lhe uma sincope, caiu
soltou um grito tão grande
que a mulher do quarto ouviu
exclamou: oh! que desgraça
minha mulher me traiu!
Nada mais disse à policia
e seguiu para a prisão
dando-lhe muitas vertigens
naquela perturbação
estava da côr de tinta
o sangue do coração
No outro dia às dez horas
Paulo foi interrogado
porem nada respondeu
do que lhe foi perguntado
nisto chega o marinheiro
que a Paulo tinha salvado

Sr. comandante, está preso?
perguntou o marinheiro
o juiz lhe perguntou:
conhece o prisioneiro?
—Conheço, disse o grumete
pois não é Paulo de Alheiro?
—Paulo não, disse o juiz
Paulo faleceu no norte
—Não senhor, respondeu Paulo
o poder de Deus é forte
a mulher mandou matar-me
mas Deus revogou a sorte
—Mas quem é sua mulher?
interrogou o juiz
—Não é Minerva de Alheiro?
o ente mais infeliz,
interrogue este grumete
que sabe tudo e lhe diz
Então o grumete disse
tudo que tinha se dado
deu os sinais de Pekin
mas com o nome mudado
o juiz disse: senhor Paulo
você está mal informado
—Dr. eu não sou criança
respondeu Paulo de Alheiro
minha mulher me traiu
com aquele traiçoeiro
e para melhor provar
fez-me até prisioneiro
—Vá chamar dona Minerva
disse o juiz a um soldado
disse Paulo: antes eu quero

ser agora degolado
do que olhar a mulher
por quem eu sou ultrajado!
Dou-lhe a metade dos bens
se o senhor dispensar
obrigar-me a ver Minerva
é mais do que me matar;
de súbito chegou Minerva
Paulo não pode falar
Quando Minerva chegou
que conheceu o marido
pensou logo na ingratidão
que já tinha cometido
devido a barba de Paulo
que muito tinha crescido
Caiu-lhe aos pés, de joelhos
e lhe pediu por caridade
que liquidasse seus dias
indo com rigoridade
dizendo: creia por Deus
não o conheci ontem a tarde
--Mulher! exclamava Paulo
inda não estás consolada
de mandar-me tirar a vida
por meio de uma cilada?
mostrou-lhe a fistula do tiro
que ainda não estava sarada
Te iludiste com um malvado
projetando me ofender
eu para ti já morri
nada mais tenho a dizer
inda cheguei inocente
tu me mandaste prender!

Minerva exclamou: oh! Paulo
não me levantes um falso
eu estive em condição
como um réu no cadafalso
Deus vendo nossa inocência
livrou-me deste embaraço
        Ela aí puxou as cartas
        que do correio recebeu
        entregou na mão de Paulo
        ele abriu a carta e leu
        Minerva aí perguntou-lhe:
        não foi você que escreveu?
Paulo ao ler as tais cartas
deu-lhe uma sufocação
—Foi exato, disse Paulo
escrevi-as com minha mão:
aí contou a miúdo
como se fez a traição
        Oh! Minerva, me perdoa
        a minha grande maldade
        tive razão de cismar
        pelo que deu-se ontem a tarde
        eu ainda hei de vingar-me
        daquele infeliz covarde!
Paulo comprou um hiate
então se lançou ao mar
disse a Minerva: você
por mim não tem de esperar
vou por todo mundo a fora
até Pekin encontrar
        Escolheu dez marinheiros
        e largou-se no oceano
        levaram água e comida

para passar mais de um ano
foi o destino mais forte
que se viu no corpo humano
Andaram mais de dois anos
sem poder Pekin achar
uma noite muita escura
viram um farol no mar
e Paulo apagou o dele,
para se certificar
—É Pekin; disse o grumete
eu conheço o farol dele
navio ancorado ali
ou é pirata ou é ele;
disse Paulo: se preparem
vamos fazer fogo nele
Disse um velho marinheiro:
faça-se averiguação
pode ser algum navio
de outra qualquer nação;
disse Paulo: se for ele
eu quero pegar-lhe a mão
Com menos de duas horas
tudo ali se convenceu
Paulo aproximou-se dele.
que era Pekin conheceu
ele deu fé que era Paulo
abriu o ferro e correu
Paulo seguiu atrás dele
como um leão furioso
como um cão com hidrofobia.
desesperado e raivoso
em seis dias de viagem
Paulo não teve um repouso

Correram vinte e seis dias
pelo mar desconhecido
passaram cabo e estreitos
onde ninguem tinha ido
disse Paulo: eu me vingo
ou no mar sou consumido
        Um dia pelas seis horas
        Pekin aí desgraçou-se
        o barco ia tão veloz
        bateu numa pedra e furou-se
        não tinha mais o que fazer
        Pekin aí entregou-se
—Miserável! exclamou Paulo
estás agora em meu poder
aqui mesmo eu não te mato
pois Minerva há de te ver
numa praça em Portugal
hás de em uma forca morrer
        Ele nada disse a Paulo
        perdeu de tudo a ação
        espumava pela boca
        que parecia um leão
        Paulo botou-o nos ferros
        e levou-o no porão
Chegou preso em Portugal
e quando desembarcou
a justiça veio ver
Minerva se apresentou
assim que ele viu Minerva
caiu no chão, exclamou:
        Ainda preso e quase morto
        nestá desgraça em que estou
        tenho o prazer de olhar

esta que me enfeitiçou!
acenou-lhe com a mão
neste momento expirou
Paulo aí sim, fez a barba
pagou a tripulação
largou a vida do mar
descansou seu coração
foi viver com a mulher
na antiga habitação
No enterro de Pekin
foi no bolso dele achado
o papel de um testamento
muito bem documentado
feito por tabelião
e por Pekin assinado
Achou-se o teor seguinte:
«eu Pekin homem solteiro
com trinta e seis anos justos
constituo o meu herdeiro
de todos os meus possuidos
dona Minerva de Alheiros
Ainda mesmo que seja
assassinado por ela
declaro hoje e assino
todos meus bens serão dela
dona Minerva de Alheiro
tem todo direito nela
Sou livre e desempedido
capitalista solteiro
não tenho pai e nem mãe
nem quem seja meu herdeiro
acharam as letras do banco
onde ela tinha dinheiro

Encontrou-se outro papel
onde Pekin escreveu
a exclamação que fez
quando a Minerva perdeu
amaldiçoou o dia
e a hora em que nasceu

«Minerva, anjo divino
doce e feliz companhia
flor das flores, anjos dos anjos
se eu tornasse a ver-te 1 dia
ainda tu me matando
a morte eu não sentiria

Sem ti eu me considero
barco sem vela e sem norte
morrendo em tua presença
não julgo ruim a sorte
vendo a tua linda imagem
na hora da minha morte!

De que me servem os milhões
que tenho de contos de réis
não possuindo uma jóia
de valor quanto tu és
antes eu pedisse esmola
comendo o pão a teus pés!

O cão que tinhas na horta
era mais feliz que eu
pois tu sorrindo passava-lhe
a mão pelo lombo seu
que gloria! que encanto doce
aquele cão recebeu!

Sou um pobre desgraçado
da sorte desprotegido
amei e não fui amado

quis, tanto e não fui querido
dinheiro não é fortuna
se fosse eu era servido!

Com todo desprezo seu
não maldigo o nome dela
antes peço a Divindade
que não desampare ela
é muito raro encontrar-se
outra mulher como aquela!

Esteve em meu poder seis meses
com toda dignidade
seu caráter para mim
tinha toda autoridade
eu era o vassalo dela
ela, real majestade.

Oh! Minerva, anjo ditoso
o quanto bela tu és
eu sou como um cão leproso
nas agonias cruéis
suplica amores ao dono
o dono mete-lhe os pés!

Eu morrendo o que possuo
ficará em nome teu
te peço por tua honra
aceite tudo que é meu
quero que goze meus bens
um mais feliz do que eu!

Deus queira guiar-te os passos
lá por onde tu andares
eu carpirei o destino
aqui nas ondas dos mares
onde falta-me a alegria
onde sobra meus pezares!

Onde o silencio me traz
recordação dolorosa;
momento que me julgava
ser a alma mais ditosa
porque olhava um momento
tua imagem melindrosa!

Pois eu nunca tinha visto
uns olhos como estes teus
olhar de um fluido atrevido
que cativaram os meus
de cada vez que olhava
via um sorriso de Deus!

—Não queremos nada dele
disse Paulo a mulher
todo testamento dele
fique para quem quiser
nós não queremos tocar
em nada que ele tiver

Disse o juiz: nesse caso
se lembre da caridade
mande tirar o dinheiro
e comprar propriedade
para remir a pobreza
e criar a orfandade

Levaram a procuração
Minerva então assinou
fez presente a caridade
nela tambem não tocou
deu tudo aos desamparados
amparando as desgraçados
com o dinheiro que ficou

— F I M -- Juazeiro, 27-12-76